



NOSSAS MULHERES MIL: QUEM SÃO ELAS?

Wiliane Viriato Rolim¹
Tatiana Losano de Abreu²

RESUMO

Nossa vivência enquanto supervisoras do Programa Mulheres Mil, neste ano de 2014, no âmbito do Pronatec, no IFPB-GBA, nos instigou a nos perguntarmos por estas mulheres tão maravilhosas que têm nos despertado tantos sonhos e esperanças a ponto de nos fazer acreditar na real possibilidade de virmos a viver uma situação social na qual nenhum brasileiro viva abaixo da linha da pobreza. O Programa Mulheres Mil aplica um questionário sócioeconômico nas mulheres que são inscritas no SISTEC como alunas dos cursos oferecidos pelo programa. Neste trabalho nos propomos a fazer a tabulação dos dados coletados por estes questionários e analisarmos os resultados encontrados procurando compreender mais profundamente quem são estas mulheres que podem pegar o destino do país em suas mãos e nos propiciar mudanças sociais significativas a partir da sua auto reassumpção enquanto agentes econômicos e sóciomoraís protagonistas da história do seu mundo. Estudaremos os dados fornecidos pelas duas turmas em andamento no Pronatec-IFPB_GBA. A amostra é pequena mas significativa, principalmente porque poderemos desenvolver instrumentos que poderão estar prontos para serem utilizados com as próximas e/ou outras turmas. Pretendemos fazer um relato de experiência que possa nos orientar para as próximas que virão.

Palavras-chave: Mulheres Mil. Identidade. Gênero. Trabalho. Capacitação.

INTRODUÇÃO

O Programa Mulheres Mil³ constitui uma política pública de âmbito federal que tem como objetivo a inclusão social de gênero, pretendendo “promover a formação educacional, profissional e cidadã de mulheres pobres em situação de maior vulnerabilidade” (MDS, 2014, 3), conforme explicitado na cartilha do programa. Desta forma, busca atingir as populações de comunidades que ainda não têm pleno acesso aos serviços e as políticas públicas tradicionais e tem como finalidade a

¹ Professora de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), *campus* Guarabira. Supervisora Pronatec – Mulheres Mil.

² Professora de Economia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), *campus* Guarabira. Supervisora Pronatec – Mulheres Mil.

³ Destaca-se o apoio do MEC: Programa Nacional Mulheres Mil e parceiros para a realização desta pesquisa.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



“promoção da igualdade de gênero e do desenvolvimento social e econômico sustentáveis” (Ibid, 2014, p. 3).

A questão do gênero é especificada já no nome do programa e, reza a lenda, que o mil que acompanha as mulheres vem do fato de ao ser iniciado com o projeto de assistência social nos anos de 2007 e 2008, em parceria com o Canadá, tinha como objetivo alfabetizar mil mulheres nas regiões norte/nordeste do país. Em um documento mais recente, intitulado Programa Nacional Mulheres Mil – Educação Cidadania e Desenvolvimento Sustentável (MDS, 2011), verifica-se que a portaria nº 1.015, de 21 de julho de 2011 nacionaliza o programa inserindo-o no Plano Brasil sem Miséria. Este documento define o público alvo do MM (Programa Mulheres Mil) doravante utilizaremos esta sigla para nos referimos ao Programa Mulheres Mil⁴: “mulheres de baixa renda, vulneráveis socialmente e de baixo nível de escolaridade...” (MDS, 2014, p.4) e coloca como meta:

Entre 2011 e 2014, o programa prevê a formação de 100 mil mulheres, moradoras de comunidade com baixo índice de desenvolvimento humano e/ou integrantes dos territórios da cidadania (MDS, 2011, p. 9).

Verifica-se assim que, em 2011, o projeto, inicialmente vinculado à LOAS (Lei Orgânica de Assistência Social), passa a ser um Programa e multiplica por cem o número inicial de mulheres a serem atendidas/incluídas. E, do âmbito da assistência social, passa para o Ministério da Educação.

Mas é interessante notar que trata-se quer no espectro da assistência social ou da educação, de política pública a ser implementada pela Rede Federal de Ensino Técnico e Tecnológico. Vale ressaltar que este fato propicia toda uma discussão, a qual não cabe no bojo deste artigo, posto que, por ora, nos abdicaremos ao estudo das mulheres-público alvo do programa. Afinal, quem são elas?

⁴ Utilizaremos esta sigla para nos referirmos ao Programa Mulheres Mil, e o termo “Mulheres Mil” refere-se as nossas mulheres aqui estudadas.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Nosso contato com o programa se deu logo no primeiro dia de trabalho no então Núcleo Avançado de Guarabira (NAG) do Instituto Federal da Paraíba, que ainda não haveria ascedido ao título de campus. Era agosto de 2013 a pró-reitora de extensão e coordenadora estadual do MM do IFPB foram esclarecer os professores na tentativa de sensibilizá-los para a extensão e o MM. Chamou-nos a atenção o fato de os diretores do NAG se posicionarem firmemente contra a implantação do MM nos seus domínios, alegando que ainda não havia condições para tal. Para sensibilizar uma professora de filosofia e outra de economia, colegas na militância, não precisava mais que isso. No próximo edital, no início de 2014, concorreremos às vagas de supervisoras e abraçamos o programa acreditando no seu potencial de engendrar mudanças sociais significativas.

Iniciamos a supervisão do Programa Mulheres Mil em abril de 2014, quando já havia sido realizada a pactuação referente ao primeiro semestre. Neste momento, o MM já encontra-se vinculado ao Pronatec e vivencia-se uma fase de ajustes deste vínculo. Essas mudanças resultaram em alguns ganhos para o programa, que deixa de ser meramente assistencialista dependente do trabalho voluntário, e passa a ser mais profissionalizado ao cotar com supervisores, apoios e professores bolsistas. Mas, muitas dificuldades surgiram com o novo formato do MM devido, prioritariamente, às especificidades do MM em relação ao Pronatec. E o que havia se iniciado com arroubos alafabetizados, ganha agora um novo perfil voltado para uma profissionalização mais tecnológica.

E o que isso tem a ver com o intuito desta presente pesquisa? Veremos que, se nosso objetivo aqui é conhecer quem são as alunas dos cursos por nós supervisionados, o fator Pronatec é determinante.

O Pronatec é uma das ações do Plano Brasil Sem Miséria. O Instituto Federal de Educação Tecnológica (IFET) da Paraíba atua como instituição ofertante de cursos FIC (Formação Inicial Continuada) os quais caracterizam-se como cursos de curta duração de capacitação de mão-de-obra. As prefeituras atuam como instituições demandantes, uma vez que conhecem as necessidades do mundo do trabalho no qual estão incluídas a sua população e as suas comunidades. No caso do MM, o único demandante é o MDS (Ministério do Desenvolvimento Social), no

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



sensibilização e a mobilização das mulheres também, através das rádios, de carros de som, contratos pessoais, etc. A busca ativa, a relação das mulheres interessadas foi feita pela equipe da SASM, a Rede socioassistencial, constituída por uma psicóloga e uma assistente social, funcionários do CRAS. Entramos em ação já no final deste processo, quando para efetuar a pré-matrícula, aparecia alguma dificuldade e /ou algum conflito e, para saná-los reorriamos aos critérios especificados pela cartilha: baixa renda, baixa escolaridade e vulnerabilidade social (MDS, 2014).

OBJETIVOS

Perguntar quem são nossas mulheres mil, as mulheres com as quais trabalhamos no Multirão e em Duas Estradas, revela nosso desejo de conhecer estas pessoas já tão queridas, interactantes de nossas ações, interlocutoras de nosso discurso, público-alvo das políticas públicas das quais nos encontramos gestoras.

Sabemos de antemão que não se trata de meros objetos de nossos estudos, de nossas ações. São sujeitos em busca do pleno exercício da cidadania. Sujeitos dos seus próprios desejos, das suas próprias necessidades, histórica, social e geograficamente localizadas. Mulheres em situação de baixa renda, moradoras em territórios de baixo Índice de Desenvolvimento Humano, em meados da segunda década do século XXI, no interior da Paraíba, extremo oriental das Américas, nordeste brasileiro.

Quem são, efetivamente?

Para além dos jargões e dos estereótipos?

Como alcançar este objetivo? Matérias e métodos!

Para realizar nosso intento, deveríamos, portanto, traçar o perfil socioeconômico das alunas das turmas do Programa Mulheres Mil do *Campus* Guarabira do IFPB. O que parece-nos redundante, posto que o critério para que elas participem do programa é constituída justamente pelas condições sociais e



econômicas. Mas não haveria como pular esta etapa. Critérios de científicidades. Nada além do óbvio.

Os dados disponíveis constavam do banco de informações digitalizadas construídas a partir da aplicação dos questionários, em 56 alunas, para levantamento do DIAGNÓSTICO SITUACIONAL DA ALUNA. Utilizando o *software* SPSS foram construídas as tabelas que organizaram os dados para análise. Assim estava configurada a parte quantitativa de nosso trabalho. Dados frios (Números, não pessoas!).

Mas, procuramos iluminá-los utilizando outros materiais tais como produção em sala de aula, considerando principalmente a declaração de próprio punho de competência para o curso. Não há como negar a influência de nossas observações realizadas durante as dinâmicas, as aulas, os eventos, as conversas e os mais diversos tipos de interações vivenciadas. Nosso trabalho pode ser taxado de subjetivista, comprometendo o seu caráter científico.

Argumentamos em seu favor que nossa metodologia quanti-qualitativa é apropriada para uma ciência humaníssima que, muito mais que teoria, tem como pretensão promover uma reflexão crítica sobre política pública de gênero.

RESULTADOS

Na verdade, lembramos ainda que o questionário DIAGNÓSTICO SITUACIONAL DA ALUNA, elaborado em algum escritório distante da realidade efetivamente vivida apresenta algumas falhas, pequenos senões. Advimos também da transcrição dos questionários (feita nas madrugadas que nos restam para pesquisa); da aplicação dos questionários, em condições em não muito ideais. Apesar das dificuldades e das ligeiras incorreções, os dados não estão comprometidos e não afetam a seriedade das reflexões propostas.

Tabela 1: Dados pessoais - Região em que nasceu; Procedência; Cor/Etnia

Região em que nasceu		Procedência		Cor/Etnia	
Região	%	Zona	%	Cor/Etnia	%



Norte	3,6	Zona urbana	80,4	Branca	23,2
Nordeste	91,1	Zona rural	14,3	Parda	67,9
Sul	1,8	Não respondeu	5,4	Negra	8,9
Não respondeu	3,6				

Fonte: Pesquisa Direta

Tabela 2: Dados Pessoais - Faixa Etária (em %)

Entre 15 e 19 anos	Entre 20 e 24 anos	Entre 25 e 29 anos	Entre 30 e 34 anos	Entre 35 e 39 anos	Entre 40 e 44 anos	Entre 45 e 49 anos	Entre 50 e 54 anos	Entre 55 e 59 anos	Entre 60 e 64 anos	Total
1,8	10,7	17,9	25,0	16,1	8,9	7,1	5,4	3,6	3,6	100,0

Fonte: Pesquisa Direta

Tabela 3: Dados Pessoais - Estado Civil (em %)

Solteira	Casada	União estável	Divorciada	Não respondeu	Total
41,1	25,0	26,8	3,6	3,6	100

Fonte: Pesquisa Direta

Tabela 4: Dados Pessoais - Número de Filhos (em %)

Nenhum	Um	Dois	Três	Quatro	Cinco	Seis	Não Respondeu	Total
10,7	17,9	30,4	16,1	16,1	5,4	1,8	1,8	100,0

Fonte: Pesquisa Direta

Iniciamos nossas discursões ressaltando que o percentual de 1,8 por cento representa uma mulhere em uma população de 56 mulheres pesquisadas. As quatro primeiras tabelas propiciam observar que as mulheres que atingimos são, na maioria, Nordestinas (91,1%) e Pardas (67,9%), com idade entre 25 e 44 anos (somando 67,9%), mães solteiras (41% são solteiras e 87,7% possuem entre um e seis filhos). Em outras palavras, uma parcela significativa das alunas criam seus filhos sem o auxílio de um companheiro.



Vale ressaltar, uma das nossas mulheres tem seis filhos. Somos muitas, somos várias e onde há mulheres há crianças, não há como desenvolver um trabalho de formação cidadã com mulheres sem uma ciranda (espaço e pessoas especializadas para cuidar das crianças) enquanto as mães estudam. Esta é uma questão a ser considerada.

A próxima tabela, de número 5, vai especificar o que significa território com baixo IDH:

Tabela 5: Dados Educacionais e Profissionais - Itens de estrutura da residência e bairro (em %)

Itens	Sim	Não
Residência tem água encanada	71,4	28,6
Residência tem esgoto	23,2	76,8
Residência tem luz elétrica	91,1	8,9
Residência tem gás encanada	1,8	98,2
Residência tem coleta de lixo	71,4	28,6
Bairro possui SUS	83,9	16,1
Bairro possui escola	75,0	25,0
Bairro possui creche	42,9	57,1
Bairro possui CRAS	44,6	55,4
Bairro possui Associação de Bairro	30,4	69,6
Bairro possui biblioteca pública	7,1	92,9
Bairro possui ONGs	12,5	87,5
Bairro possui Área de lazer	5,4	94,6
Bairro possui Atividades Culturais	3,6	96,4

Fonte: Pesquisa Direta

A falta de saneamento básico é uma constatação que torna a realidade das mulheres aqui analisadas mais complicada do que se imagina. Além disso, mais da metade de nossas mulheres não dispõe de creche (57,1%). Com quem ficam as crianças? Mais de 90 por cento não tem acesso à biblioteca, área de lazer e atividade cultural, ou seja, elas ficam reféns a um cotidiano pouco insentivador para a formação prodificional e estudo.

É importante resgatar, neste momento, as quatro primeiras tabelas referentes aos Dados Pessoais, que mostram-nos a existência de uma aluna que nasceu no sul



Falta de oportunidade	Necessidade de trabalhar	Dificuldade de acesso a escola	Casamento/ filhos	Incompreensão do esposo	Dificuldade de conciliar horário de trabalho com de trabalho com estudo	Problemas de saúde	Não tinha interesse/ desisti	Outros	Não respondeu	Total
7,1	21,4	5,4	25,0	10,7	5,4	1,8	10,7	7,1	5,4	100,0

Fonte: Pesquisa Direta

Mais de cinquenta por cento das alunas entrevistadas pararam de estudar na última década, o que está relacionado com as faixas etárias. Mas os motivos para interromper os estudos são significativos: 25 por cento, em números absolutos catorse alunas, declararam que foi causada pelo casamento/filhos. Onde não há creche, com quem deixar as crianças para continuar os estudos? Outros 21,4% afirmaram que a necessidade de trabalhar foi o motivo. Boas questões devem ser consideradas para a melhor continuidade do programa. A implantação dos cursos EJA nas duas comunidades precis ser compromisso nosso!

As tabelas 9 e 10, com os dados de Renda Familiar, mostra que nossas discrepâncias não são tão grandes assim:

Tabela 9: Dados Educacionais e Profissionais - Participação na Renda Familiar (em %)

Não trabalha	Trabalho e recebo ajuda financeira de outros	Trabalho e contribuo com o sustento da minha família	Trabalho e sou principal responsável pelo sustento da família	Total
37,5	8,9	35,7	17,9	100,0

Fonte: Pesquisa Direta

Tabela X: Dados Educacionais e Profissionais - Renda Familiar (em %)

Nenhuma	Até 1/4 do salário mínimo	1/4 a 1/2 do salário mínimo	1/2 e 1 salário mínimo	1 a 2 salários mínimos	Mais de 10 salários mínimos	Não respondeu	Total
14,3	10,7	17,9	42,9	10,7	1,8	1,8	100,0

Fonte: Pesquisa Direta



Como alguém pode viver sem nenhuma renda familiar? Como oito pessoas (equivalente a 14,3%) podem viver sem nenhuma renda familiar? Em todo caso, a maioria absoluta das famílias de nossas mulheres mil vive com salário mínimo. Baixa renda mesmo! Será que tem mesmo alguém cuja renda familiar está cima de dez salários mínimos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afinal, essas considerações não são tão finais ainda porque os cursos ainda estão em andamento: das duzentas horas/aula que compõem a grade dos cursos, ainda faltam cem horas a serem ministradas. Mas, tentando esclarecer quem são nossas Mulheres Mil, quem é o nosso alunado, podemos trazer algumas ideias já concretas. Elas são mulheres submetidas às questões de gênero: filhos, como cuidar?; trabalhar é necessário; o desejo de aprender mas sem forças para enfrentar as dificuldades; a violência doméstica: brigas, gritos, agressões; a falta de espaço (moradias sem conforto) é apenas a aparência da sua falta de espaço social para se afirmar como ser, como mulher, como feminino (uma de nossas mulheres mil é transexual, com plena identidade feminina); a falta de espaço no mundo do trabalho; de acesso à educação, ao lazer, à cultura; a falta de espaço urbano (praças, jardins, parques etc.); e a falta de acesso aos serviços básicos, tais como transporte público, creches e saneamento.

Assim, somos seres de falta. Mas, pior de todas é a falta de perspectivas. Nossas mulheres encaram o mundo como dado, pronto, acabado e estabelecido. Não percebem que outro mundo é possível. Que outras formas de organização social, política e econômica podem ser construídas. Mas já começam a se conhecerem nos objetos que constroem, nas bijouterias, nos pufs de garrafa pet, nos móveis recobertos de tecido etc.

De fato, ainda o mais difícil é aprender a trabalhar em equipe, a fazer junto, a participar das tomadas de decisões coletivas. A atitude passiva de quem recebe, de quem escuta, o olhar perdido quando se cobra autonomia, proatividade...

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Talvez sejam necessários muitos cursos para se desenvolver estas habilidades tão tolhidas por uma sociedade patriarcal. Estamos na luta!

REFERÊNCIAS

JOSÉ, M.T.B.F.; LUCIA, M.S.M.; MARIA, V.G.G. **Mãos que constroem a vida:** relatos de experiências. João Pessoa: IFPB, 2012. 80p

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Programa Nacional Mulheres Mil: **Educação, cidadania e desenvolvimento sustentável.** 2011 (a). Disponível em: file:///C:/Documents%20and%20Settings/Tatiana/Meus%20documentos/Downloads/programa_mulheres_mil_110811.pdf. Acesso em: 20 de Out. 2014

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Mulheres Mil na Rede Federal: **Caminhos da Inclusão.** 2011 (b). Disponível em: http://mulheresmil.mec.gov.br/images/stories/pdf/geral/mulheres_mil_na_rede_federal_-_caminhos_da_inclusao.pdf. Acesso em: 9 Jul. 2014

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Guia Metodológico do Sistema de Acesso, Permanência e Êxito.** 2013. Disponível em: http://www.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/20132417025781guia_metodologico_do_sistema_de_acesso_permanencia_e_exito.pdf. Acesso em: 25 de Ago. 2014

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Pronatec, Brasil Sem Miséria: **Mulheres Mil.** 2014. Disponível em: http://www.mds.gov.br/documentos/cartilha_mulheres_mil%202014_editado.pdf. Acesso em: 9 de Jul. 2014